

Mikki Daughtry e Rachael Lippincott

AUTORAS DO BEST-SELLER *A CINCO PASSOS DE VOCÊ*



Alt



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

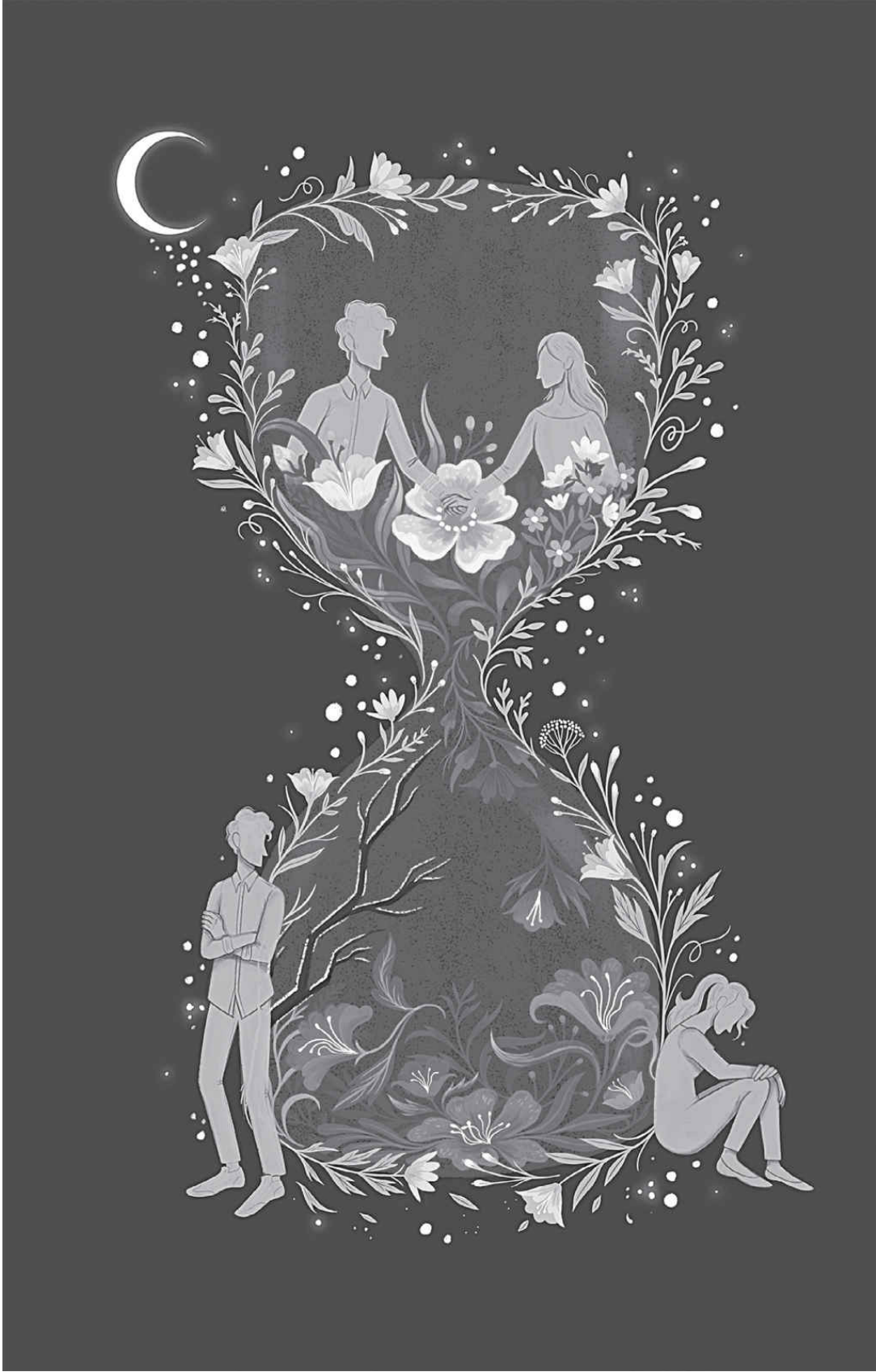
A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**





TUDO ESSE TEMPO

Rachael Lippincott e Mikki
Daughtry

Tradução
Isadora Sinay



Mikki Daughtry se formou na Brenau University, onde estudou artes cênicas. Ela é roteirista, romancista e uma das autoras de A CINCO PASSOS DE VOCÊ, *best-seller* do New York Times e das listas brasileiras de mais vendidos. Mikki mora em Los Angeles e, quando não está escrevendo, está assistindo a filmes antigos em preto e branco, ouvindo Doris Day ou lendo peças gregas. Os clássicos. Sempre.

Rachael Lippincott é autora do *best-seller* A CINCO PASSOS DE VOCÊ. Ela é bacharel em escrita pela Universidade de Pittsburgh. Nascida na Pensilvânia, ela atualmente mora em Pittsburgh com sua esposa e seu cachorro, Hank.

Sumário

Pular sumário [»»]

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

Uma palavra da Mikki

Agradecimentos

Créditos

*Para todo mundo que já teve uma Marley.
Nunca a deixe ir embora.*
M.D.

Para Mikki.
R.L.

1

Sinto o peso da pulseira de berloques na palma da minha mão. Eu já a examinei umas mil vezes, mas olho de novo porque sei que ela precisa ser perfeita, capaz de consertar tudo o que precisa de conserto. Eu até pensei em comprar pulseiras mais finas e delicadas, como as que Kimberly normalmente usa, mas algo nessa me tocou, seus elos prateados sólidos e firmes, iguais ao nosso relacionamento... na maior parte do tempo.

Há uns meses, quando eu encomendei a pulseira, era para ser um presente para comemorar a nossa formatura, e não um presente de “me-desculpa-vamos-nos-acertar”, mas Kimberly tem estado quieta nos últimos tempos. Distante. Como ela sempre fica quando estamos brigados.

Apesar de que, até onde saiba, não estamos brigados, então nem sei pelo quê eu deveria pedir desculpas.

Eu solto um longo suspiro e observo meu reflexo no espelho do banheiro do hotel, conferindo se as cabines estão vazias. Franzo a testa enquanto passo os dedos pelo meu cabelo castanho bagunçado e tento arrumá-lo do jeito que Kim gosta. Depois de algumas tentativas frustradas, meu cabelo e eu desistimos e volto a focar minha atenção na pulseira pela última vez.

Os berloques de prata reluzente se esbarram quando eu os examino, e o barulho se mistura com os sons abafados da festa de formatura do ensino médio vindos do outro lado da porta.

Talvez, quando ela vir a pulseira, ela finalmente me diga qual é o problema.

Ou, vai saber. Talvez ela só me beije e diga que me ama e o problema não tinha nada a ver comigo, para começo de conversa.

Eu me aproximo para observar os seis pequenos berloques, um para cada ano que passamos juntos. Eu dei muita sorte quando encontrei uma pessoa no Etsy para me ajudar a desenhá-los, já que eu não tenho nenhum talento artístico. Agora, isso é mais do que uma pulseira. É nossa vida juntos.

Meu dedão desliza suavemente pelos pedaços da nossa história, alguns dos berloques cintilando quando refletem a luz.

Um par de pompons de líder de torcida esmaltados em azul e branco, quase idênticos aos que Kimberly estava segurando como capitã da equipe na noite em que eu pedi a ela para ser oficialmente minha namorada.

Uma pequena taça de champanhe dourada, com minúsculas bolhas brilhantes, uma lembrança do convite elaborado que eu fiz alguns meses atrás, quando a chamei para a formatura. Eu roubei uma garrafa de champanhe do armário da minha mãe para surpreendê-la. Minha mãe me deixou de castigo até o fim dos tempos, mas valeu a pena só pelo brilho nos olhos de Kimberly quando eu estourei a garrafa.

Eu paro no berloque mais importante, colocado exatamente no meio da pulseira. Um diário prateado, com um fecho de verdade.

Ainda no ensino fundamental, nós estávamos estudando na cozinha da casa dela quando ela saiu para ir ao banheiro. Eu tirei o diário cor-de-rosa da mochila dela e escrevi “Eu ♡ vc” nas primeiras três páginas em branco.

Ela chorou quando viu, mas em seguida as lágrimas se transformaram em acusações.


— Você leu todos os meus segredos? — Ela gritou, apontando para mim com uma mão e segurando o caderno com força junto ao peito com a outra.

— Não — eu disse e girei meu banco na direção dela. —, eu só achei que seria... Não sei. Romântico.

E então ela se atirou em cima de mim. Eu a deixei me derrubar no chão porque era emocionante ter aquele rosto lindo tão perto do meu e ver a irritação dela morrer quando nossos olhos finalmente se encontraram.

— Foi — ela disse e então os lábios dela, hesitantes, encontraram os meus.

Nosso primeiro beijo. Meu primeiro beijo.

Com cuidado, eu abro o pequeno berloque e viro suas delicadas páginas de prata, três no total, que dizem “Eu  vc”. Nós provavelmente sempre teremos alguma briguinha, mas sempre vamos amar um ao outro.

Observo os elos vazios da pulseira com um sorriso no rosto, pois desejo que eles sejam preenchidos com mais vida e mais memórias que construiremos juntos. Um para cada ano que passaremos na UCLA. E depois disso eu comprarei outra pulseira para preenchermos também.

A porta do banheiro se abre com tudo, causando um estrondo ao se chocar no protetor anti-impacto preso na parede. Eu rapidamente guardo a pulseira de volta em sua caixa de veludo e os berloques batem um no outro quando um grupo de caras do time de basquete entra. Escuto uma sinfonia de “Kyle, como vai cara?” e “Turma de 2020, irmão!” Eu sorrio para todos eles e deslizo a caixa para o bolso do meu paletó. Quando faço isso, meus dedos tocam o cantil de Jack Daniel’s enfiado no cinto, o primeiro passo no meu plano para convencer meus dois melhores amigos a abandonarem a festa de formatura oficial e irem comigo para o nosso point no lago, onde podemos comemorar de verdade.

Mas, primeiro... preciso dar a ela essa pulseira. Eu saio pela porta do banheiro e um breve corredor me leva ao salão de baile lotado de um hotel superchique.

Passo por baixo de um mar de balões azuis e brancos, as cores do Colégio Ambrose, vários deles já soltos e deslizando no alto do teto abobadado. No centro do salão uma faixa enorme, da qual descem várias fitas, saúda em letras garrafais: “PARABÉNS, FORMANDOS!”

O barulho passa por mim como uma onda, uma atmosfera eletrizada de “NÓS CONSEGUIMOS!” emanando por todos os cantos. Eu entendo. Depois desse último ano, estou mais do que pronto para ir embora daqui.

Eu abro caminho por grupinhos completamente aleatórios de pessoas. Os poucos passos no palco para receber o diploma um pouco mais cedo parecem ter diluído tudo que importava tanto hoje de manhã. O esporte que cada um praticava. As notas. Quem te chamou ou *não chamou* para a formatura. O motivo misterioso pelo qual o sr. Louis te perseguiu o semestre todo.

De repente, Lucy Williams, a representante da turma, está flertando com Mike Dillon, o maconheiro que repetiu o primeiro ano duas vezes, enquanto isso os campeões da olimpíada de matemática trabalham em conjunto com dois dos meus amigos da linha ofensiva em uma tentativa de roubar cerveja do bar.

Nesta noite somos todos iguais.

— Ei, Kyle. — Uma mão segura um pouco forte demais o meu ombro ruim. Eu tento evitar uma careta enquanto me viro e vejo Matt Paulson, o cara mais legal do planeta, o que faz eu me sentir um babaca por detestá-lo. — Ah, desculpa — ele diz quando nota o ombro no qual sua mão estava e rapidamente a retira. — Você ficou sabendo que eu vou jogar pela Boston College ano que vem?

— Ah, é — eu digo, tentando engolir a conhecida onda de inveja que começa a espumar. *Não é culpa dele*, eu lembro a mim mesmo. — Parabéns, cara.

— Sabe, se você não tivesse comandado o time daquele jeito no início da temporada eu nem teria passado pelo radar deles. Você foi um belo *quarterback*. Eu não teria conseguido uma bolsa pra jogar se não fosse por tudo que você me ensinou. — Ele diz, sem saber que assim está colocando o dedo na ferida. — E eu sinto muito pelo o que aconteceu...

— Está tudo bem. — Eu o interrompo e então estendo a mão para não parecer um idiota. — Boa sorte no ano que vem. — Eu solto o aperto de mão e viro para continuar minha busca, meus pés se movendo com rapidez para aumentar ao máximo a

distância entre nós. Só existe uma pessoa que eu quero ver agora.

Eu paro perto do bar e estico meu pescoço para procurar Kim na multidão, meus olhos saltando de uma pessoa para outra sem sucesso.

— Canapé? — Uma voz pergunta ao meu lado.

Eu olho para o lado e vejo um homem estendendo uma bandeja de canapés na minha direção, formas arredondadas em um prato branco impecável. Ele me dá um sorriso artificial que grita *eu mal posso esperar para ir embora daqui duas horas*.

Eu noto o logo do Owl Creek na camisa dele, o único restaurante mais ou menos perto daqui que já apareceu no canal Food Network por causa da sua “cozinha descolada e moderna”.

Aparentemente, até o Gordon Ramsay comeu lá e não conseguiu achar do que reclamar.

— Por favor — digo com um sorriso rápido. Então pego um e enfio a coisa toda na minha boca antes que o garçom continue sua ronda.

Eu me arrependo na hora.

Isso é camarão? Borracha? Por que *raios* é tão difícil de mastigar? E por que tem gosto de presunto velho?

Claramente, o Gordon não provou o que quer que seja essa carne grudenta.

Eu olho para os dois lados antes de abaixar a cabeça e cuspir a coisa no guardanapo preto que o garçom me deu, mas um flash súbito ao meu lado me faz dar um salto.

Eu ergo a mão que está livre do guardanapo, meio cego, os pontos escuros no meu campo de visão lentamente desbotando e abrindo caminho para calorosos olhos castanhos e maçãs do rosto altas, idênticas às minhas. Ela está usando seu vestido branco floral preferido e eu consigo ver o enorme sorriso por trás do celular.

— Mãe, não... — Eu começo a dizer, mas ela toca o botão de foto de novo e outro raio de luz ataca meus globos oculares.

— Sabe, se você vai tirar fotos vergonhosas de mim, pelo menos tire o flash. Você não precisa me cegar.

— Ah, as meninas no Insta vão *amar* isso — ela diz, dando uma risadinha malvada e apertando os olhos enquanto digita algo em sua tela.

— Mãe, não posta isso. — Eu digo enquanto vou para cima dela. Eu a puxo para um meio abraço em uma tentativa de distraí-la enquanto tento arrancar o celular da sua mão. Enquanto faço isso, eu vejo a foto: estou com uma expressão de horror, os olhos meio fechados, o camarão borrachento pendurado na minha língua e a caminho do guardanapo.

De jeito nenhum eu vou deixar as “meninas do Insta” verem isso. Ou *qualquer outra pessoa*, aliás.

Kim nunca me deixaria esquecer disso.

Ela solta um pouco a mão quando se inclina na direção do abraço e eu pesco o celular para deletar a foto.

— Nem pensar, mãe.

— Certo — ela diz, fingindo fechar a cara com um bico, o rosa suave do seu batom destacando seus lábios virados para baixo.

— Parta o coração da sua velha mãe. Eu não posso ter nada mesmo.

Eu rio, dando um beijo no rosto dela enquanto a envolvo em um abraço verdadeiro, tomando cuidado para que ela não sinta o cinto enfiado no meu cinto.

— Você tem a mim, não tem?

Ela solta um suspiro dramático.

— Acho que você vai ter que servir. — A voz dela está abafada contra o tecido grosso do meu paletó. — Ei — ela diz, se afastando e sorrindo. — Por que você está sozinho? Já deu a pulseira a ela?

Meu coração acelera como costumava acontecer antes de um jogo de futebol americano.

— Estou esperando o momento certo. — Eu digo enquanto faço uma busca rápida pelo salão. — Você a viu?

— Ela estava com Sam, no terraço, uns minutos atrás — ela diz apontando com a cabeça para a direita, no sentido das janelas que ocupam a parede inteira e nos separam dos gigantescos terraços de pedra com vista para o pátio do hotel.

Ela estica o braço para arrumar com delicadeza o nó da minha gravata com um pequeno sorriso no canto dos lábios. É um nó Windsor. Não que eu seja pretensioso ao ponto de conhecer algum outro, mas ela passou a manhã da minha festa do oitavo ano aprendendo como fazer o nó só para poder me ensinar. Foi a primeira festa da escola que eu fui com a Kim.

Minha mãe acompanhou tudo.

— Você acha mesmo que ela vai gostar? — Pergunto. Eu estava tão seguro quando encomendei, mas agora..

— Com certeza. — Ela dá uma batidinha suave no meu rosto. Mais tranquilo, eu devolvo o celular a ela. Grande erro.

Ela o agarra e rapidamente tira mais duas fotos, ainda com flash, e ele agora estoura nos meus olhos. Eu tento olhar feio, mas os pés de galinha em volta dos olhos dela franzem quando ela dá um sorrisinho inocente, e isso desmancha minha cara feia. Nada vai me irritar hoje, nem mesmo minha mãe registrando incessantemente a minha vida.

Então eu sorrio, poso para uma última foto e quando ela fica satisfeita saio para finalmente encontrar a Kim. Eu jogo o guardanapo amassado em uma lata de lixo enquanto sigo para o terraço, onde o céu está escuro e sinistro do outro lado do vidro.

Eu não costumo demorar muito para encontrá-la.

Ela sempre teve essa energia, esse magnetismo que atrai as pessoas para sua órbita. Na escola eu normalmente preciso abrir caminho em meio a uma multidão de pessoas para chegar até ela, é só procurar o maior grupo de pessoas e o brilho daquele tom particular de loiro que consegue capturar qualquer luz do ambiente.

O cabelo dela é assim desde que eu me lembro, com a mesma cor de quando brigávamos pelo último balanço do parquinho no quarto ano.

Eu me enfió na multidão e as pessoas se afastam para me deixar passar, sorrisos e acenos vindos de todas as direções.

— Vou sentir falta dos seus artigos na seção de esportes no ano que vem, Lafferty — diz o sr. Butler, meu professor de jornalismo, e me dá um tapinha nas costas quando eu passo por

ele. Outra lembrança de todo o tempo que passei no banco, escrevendo sobre jogos em vez de participando deles.

Onde ela *está*?

O globo espelhado no teto lança faíscas de luz reluzente, o que torna difícil enxergar qualquer coisa. Eu estou prestes a pegar meu celular e mandar uma mensagem quando...

Ali.

O cabelo loiro dela aparece por trás dos ombros largos de Sam quando ela passa suavemente o peso para o quadril esquerdo, o vestido de seda abraçando as laterais do seu corpo. Ela está incrível, o cabelo comprido esvoaçando em torno dos ombros, olhos azuis vivos e abertos, os lábios brilhando de gloss.

Mas quando eu me aproximo, vejo que seu rosto está sério, a familiar ruga em sua testa se formando enquanto ela fala, como sempre acontece quando tem alguma coisa errada. É uma expressão que eu vi semana passada, na cerimônia antes da formatura, e hoje à tarde quando estávamos posando para fotos – mas, toda vez que eu pergunto, ela faz tudo sumir com um aceno de mão.

Vejo que Sam está passando os dedos pelos cabelos escuros com nervosismo.

E é aí que eu me toco de que eles devem estar conversando sobre a UCLA. A tensão derrete por cima dos meus ombros.

Kim e eu já nos matriculamos, mas Sam tinha ficado na lista de espera. Sam e eu sempre sonhamos em jogar futebol americano juntos na UCLA, mas depois do meio da temporada isso acabou, graças à minha lesão. Eu decepcionei a nós dois. Depois que fui afastado, Sam errou tantos passes e perdeu tantos bloqueios que ficava no banco quase tanto quanto eu. Quando a perspectiva de seguir jogando morreu para ele, suas notas mergulharam junto com sua carreira no esporte. Então Kim o tem ajudado a enviar algumas redações e a atualizar anexos que com sorte vão virar a balança a favor dele.

A julgar pelas últimas semanas, nós definitivamente vamos precisar dele lá. Ele não só é o amigo que ficou ao meu lado durante a loucura que foi esse último ano, mas também é a cola que mantém nosso trio unido. Ele é a voz da razão em todos os

assuntos, especialmente quando Kim e eu brigamos. É ele que nos junta de novo quando as coisas ficam difíceis.

Se ele for aceito, nós ainda poderemos *estudar* na UCLA juntos. Mesmo que não estejamos mais em campo.

Mas, pela expressão no rosto de Kim, parece que isso não vai acontecer.

Eu vou ao encontro deles, passo um braço pela cintura de Kim e me inclino para dar um beijo nela. Ela o retribui quase sem notar, com os lábios distraídos.

— O que aconteceu? Qual o problema? — Eu pergunto, meu olhar indo dela para Sam e voltando para ela.

Ela se inclina para me dar outro beijo e dessa vez seus lábios encontram os meus com firmeza, me acalmando, mas ela não responde.

Estou prestes a perguntar de novo, mas em vez disso ignoro a sensação estranha. Todo mundo está abandonando o que é velho essa noite, então nós também podemos fazer isso. Deixar o que quer que isso seja para trás, pelo menos por enquanto. Eu quero comemorar com eles, e isso é tudo. Olho para os dois lados antes de abrir meu paletó e revelar o cantil que eu contrabandeei.

— O que vocês acham de irmos para o lago e...

As palavras mal saem da minha boca e um raio brilha do outro lado da janela, iluminando todo o céu com sua eletricidade. O vidro treme de leve com o longo estrondo do trovão e meu reflexo ondula, me encarando de volta, mas Sam e Kimberly estão olhando um para o outro.

— *Nah*, cara — ele diz, apontando para o céu. — Eu prefiro não virar churrasquinho esta noite.

— Ah, vamos lá. — Eu digo quando gotas de chuva enormes começam a bater nos vidros. — O que você fez com o Sam? Um pouco de tempo ruim nunca te impediu antes. — Eu bato o dorso da minha mão no ombro dele. — Lembra da nevasca depois que ganhamos o campeonato estadual dois anos atrás? Eu acho que foi *você* que insistiu pra irmos. Eu tenho quase certeza de que meu dedo ainda está congelado.

Eles não dizem nada. O silêncio me deixa arrepiado e com uma sensação desconfortável.


— O que foi? — Eu pergunto, tentando olhar nos olhos de Kimberly. Mas ela desvia o olhar para a decoração acima do meu ombro. Eu estou começando a desconfiar que isso não é por causa da candidatura de Sam.

Minha mão deixa a cintura dela e eu me afasto.

— O que vocês não estão me contando?

— Eu... — ela começa a falar, mas sua voz morre. Sam desvia o olhar.

A chuva do outro lado do vidro começa a cair com ainda mais força.

— Fala logo — peço mais uma vez enquanto coloco a mão dela na minha como já fiz tantas vezes. Eu olho para o pulso dela e penso na pulseira no bolso do meu paletó, as páginas do pequeno diário prateado que dizem “Eu  vc”.

Mas, em seguida, eu noto que ela começa a fazer o movimento nervoso que ela faz sempre que vai me contar algo de que eu não vou gostar. Eu me preparo quando ela finalmente se endireita e me olha bem nos olhos. O ruído da chuva abafa todas as vozes do salão, menos a dela, e a verdade finalmente vem à tona.

— Kyle! — Eu ouço a voz de Kim chamando atrás de mim enquanto as gotas caem fazendo muito barulho no teto de metal do pórtico da frente.

Como ela pôde?

Isso fica repetindo na minha cabeça enquanto desço as escadas. Eu já estou entregando meu ticket para o manobrista quando Kimberly vem correndo atrás de mim. Eu a ignoro.

— Espera, Kyle, por favor — ela diz, tentando tocar meu braço.

No instante em que os dedos dela me tocam, meu instinto é me inclinar na direção dela, mas eu me afasto e arranco as chaves da mão do manobrista enquanto saio na chuva.

— Não se dê ao trabalho. Eu entendi.

Ela me segue, tentando me dar uma porra de explicação que eu não quero ouvir. Se ela quisesse mesmo se explicar, ela devia ter feito isso há muito tempo, em vez de me pegar de surpresa *bem* no dia da nossa formatura.

— Eu devia ter contado, mas eu não queria te magoar...

Um raio corta o céu mais uma vez e um estalo forte de trovão a silencia antes que eu precise dizer alguma coisa. Eu me viro e olho para Kim. O vestido dela está completamente ensopado e seu cabelo agora está escorrido e sem vida em volta do seu rosto.

— Não queria me machucar? — Eu rio. — Agindo pelas minhas costas? Guardando segredos com meu melhor amigo...

— Sam é *meu* melhor amigo também.

— Você *mentiu pra mim*, Kimberly. Por meses. — Eu destranco a porta do carro e a abro com tanta força que ela quase volta. — Considere que você me machucou.

Eu entro no carro e bato a porta.

Berkeley. A palavra ecoa na minha cabeça, cada sílaba uma nova facada da traição.

Berkeley. Berkeley.

Ela se candidatou e não me contou. Ela mandou redações adicionais e históricos atualizados, *foi aceita* meses atrás e continuou ali, do meu lado, fingindo. Fingindo enquanto escolhíamos alojamentos e aulas, e conversávamos sobre viagens para casa nas férias sabendo esse tempo todo que ela não iria para a UCLA.

Mas ela contou para o Sam.

Por que ela não contou para mim?

Estou pronto para ir embora, mas ela se senta no banco do carona antes que eu possa engatar a marcha. Eu paro um momento, querendo dizer a ela para sair, mas não consigo.

Nós precisamos resolver isso. *A pulseira ainda está no meu bolso.*

Eu piso no acelerador e nós saímos pelo estacionamento e para a estrada principal, os pneus derrapam no chão molhado quando viramos.

— Kyle! — Ela diz, colocando o cinto. — *Mais devagar.*

Eu ligo os limpadores do para-brisa na velocidade mais rápida, mas ainda não é rápido suficiente para conter a muralha de chuva que cai sobre o vidro, agora embaçado.

— Isso não faz sentido. Nós planejamos o ano todo. Você, eu, Sam. *Nossos planos.* — Eu estico o braço e limpo a condensação o suficiente para conseguir enxergar. Meus dedos batem no pequeno globo espelhado pendurado no meu retrovisor, fazendo-o voar. Na verdade, faz sentido, do jeito da Kimberly. Eu penso em todas as vezes que ela mudou de ideia no último momento, deixando eu e Sam na mão. Tipo a vez em que ela não foi na nossa festa do primeiro ano para sair com as líderes de torcida, ou nos abandonou no meio da prova em grupo para ir trabalhar com a melhor aluna da turma. Momentos que eu escondo bem fundo, mas que ressurgem quando brigamos, tipo agora.

— Você só decide, “dane-se, vou fazer o que eu quero”. Como você sempre faz.

Mais um trovão estoura e o relâmpago que o segue reflete no prateado do globo, iluminando o carro todo.

— O que *eu* quero? Eu *nunca* faço o que eu quero. Se você me ouvisse por cinco malditos segundos. — Ela para de falar quando passamos voando pela rua da minha casa, a cabeça dela virando para trás enquanto a rua se afasta. — Você perdeu a entrada.

— Eu vou para o lago — digo.

Eu continuo achando que se nós conseguirmos chegar lá, eu posso salvar essa noite. Eu posso salvar *isso*.

— Pare. Não. Não vai. O lago vai estar um oceano agora. Só faça o retorno.

— Você estava pensando nisso há um tempo, não estava? — Eu pergunto, ignorando-a. Um trator passa por nós, jogando um jato de água no para-brisa. Eu agarro o volante com mais força, reduzindo a velocidade para estabilizar o carro. — Você estava, né? Kim, você podia só ter falado que queria estudar em Berkeley, e não na UCLA. Não é como se eu ainda tivesse a bolsa de estudos pelo futebol. Eu não ligo pra onde vamos desde que fique com voc...

— Eu não quero ficar com você!

As palavras são como um tapa na minha cara. Tiro meus olhos da estrada para olhar para ela, essa menina que eu amo desde o quarto ano. Eu já nem a reconheço mais.

Nós “terminamos” muitas vezes no passado, mas não assim. Brigas pequenas e dramáticas que passam no dia seguinte como uma intoxicação alimentar. Ela nunca disse *isso*.

— Quer dizer... — Ela silencia e seus olhos se desviam de mim, arregalados. — Kyle!

Volto os olhos para o para-brisa bem a tempo de ver duas luzes amarelas na nossa frente. Eu enfio o pé no freio e o carro desliza sem diminuir a velocidade.

De repente, eu não tenho mais nenhum controle da direção para qual estamos indo.

Eu luto enquanto tento desviar de um carro parado bem no meio da pista, agarrando o volante com força enquanto tento nos jogar para o acostamento. O carro milagrosamente recupera a tração bem na hora e nós saímos do trajeto do carro parado.

Jogo o carro para o canto e freio cuidadosamente, meu peito arfando.

Essa foi *por pouco*.

— Desculpa. — Eu respiro fundo para me controlar e olho para Kimberly, que está pálida, atordoada, a curva firme da sua clavícula aumentando e voltando enquanto ela se esforça para recuperar o fôlego.

Ela está bem.

Mas nós não estamos.

Eu não quero ficar junto.

— Nós estamos... — Eu começo a dizer, as palavras lutando para sair, lutando para chegar à superfície. — Nós estamos terminando?

Ela olha para mim e eu consigo ver as lágrimas clareando o azul de suas íris. Normalmente, eu secaria suas lágrimas e lhe diria que tudo vai ficar bem.

Mas, dessa vez, eu preciso que *ela* me diga isso.

— Eu preciso que você me ouça — ela diz, com a voz trêmula.

Eu mexo a cabeça, aceitando o quase acidente, limpando a raiva e a substituindo por algo ainda mais intenso:

Medo.

— Eu estou ouvindo.

Meu maxilar tensiona enquanto ela organiza os pensamentos, e começo a mover minha mão até a pulseira de berloques dentro do meu paletó enquanto meu coração martela alto.

— Eu só me conheço como *a namorada do Kyle* — ela finalmente diz.

Eu a encaro, pêgo de surpresa. O que isso quer dizer?

Ela suspira, absorvendo minha expressão incrédula. Ela procura as palavras certas.

— Quando você arreventou seu ombro...

— A conversa aqui não é sobre o meu maldito ombro — eu digo, batendo com a mão aberta no volante. Isso é por causa de *nós*.

— É sim — Kimberly diz, correspondendo à minha frustração. — É até demais. Você tinha tantos sonhos, e você ia conquistá-los.

As palavras dela me pegam desprevenido, bem no alvo. Eu faço uma careta quando o fantasma da dor se irradia subitamente pelo meu ombro. Vejo o jogador enorme me bloqueando. O número 9 na sua camisa e suas mãos agarrando meu braço no meio do lançamento, me jogando no chão. Depois... o som nauseante dos meus ossos esmagados e dos meus ligamentos arreventados quando o corpo dele cai sobre o meu. Jogadas espetaculares, bolsas para a faculdade e uma camisa azul e amarela com meu nome atrás. Todas essas coisas estavam ao alcance dos meus dedos. E se foram com uma jogada.

— Sinto muito — ela diz rápido, como se também pudesse ver. — Eu não consigo imaginar como é ver tudo isso se esvaír, os olheiros pararem de aparecer, as bolsas sumirem...

Eu ranjo os dentes e foco na chuva. Ela está tentando me machucar ainda mais?

— Por que estamos falando nisso? Não tem nada a ver com você e eu...

— Kyle. Espera. *Me ouve*. — A voz dela é firme e me cala na hora. — Eu te amava.

Minhas entranhas viram gelo. *Amava*. Passado.

Merda.

— Mas quando você não pôde mais jogar, você mudou. Você se tornou... eu não sei — ela diz, procurando a palavra certa. — *Assustado*. Você ficou com medo de arriscar, com medo de tentar qualquer outra coisa. E eu me tornei seu apoio. Sua muleta. Você sempre precisava que eu estivesse por perto.

Ela só pode estar brincando.

É isso que ela pensa de mim? Sério? Que eu sou medroso e patético? Que não posso fazer nada sozinho?

Ela ficou comigo esses meses todos por *pena*?

— Sinto muito ter sido um fardo pra você — eu digo, me forçando a olhar para ela quando minha mão se move instintivamente para o meu ombro. — Sinto muito por você ter perdido algumas festas. Sinto muito por Janna e Carly terem ido para as Bahamas enquanto você se sentiu obrigada a sentar ao lado da minha cama e me dar sopa porque eu não podia erguer o braço. Mas isso não é culpa minha. Você poderia ter ido embora a qualquer momento...

— Poderia mesmo? Você teria deixado? — Ela me pergunta, sacudindo a cabeça. — Nos vendo todo dia na escola, indo nas mesmas aulas, com a mesma rotina, mas sem estar juntos? Todas as vezes que terminamos, nós não duramos nem um dia.

Se eu teria *deixado*? O que *isso* significa? Nós sempre voltamos porque *queríamos* voltar. Agora... ela diz isso?

— Então, o quê? Você só... fingiu?

— Eu não fingi. Eu só aguentei ali porque eu...

A voz dela se perde, mas eu já sei o que ela vai dizer.

— Porque você já sabia que nós não iríamos para a mesma faculdade — eu digo, sentindo que vou passar mal. — Você ficaria livre de mim.

— Não — ela diz, fechando os olhos enquanto luta para colocar as palavras para fora. — Eu não estou tentando me *livrar* de você. Mas... eu quero saber como é me virar e *não* te ver ali. — A voz dela falha, mas sua espinha se endireita. Ela está

falando sério. Ela está falando sério de verdade. Os olhos dela encontram os meus, firmes e seguros. — Eu quero ser eu, só eu, *sem* você.

As palavras me desequilibram, mas eu sustento o olhar dela. Nós olhamos um para o outro, a chuva ainda caindo em jatos contra o teto do meu carro. Há quanto tempo ela se sente assim? Há quanto tempo ela não me ama?

— Kyle, vamos lá — ela continua com uma voz suave. — Pense nisso. Você não quer saber quem você é sem mim?

Eu encaro os faróis tremeluzindo na tempestade. *Sem* ela?

Nós somos *Kimberly e Kyle*. Ela é parte de mim, então eu não posso ser eu sem ela.

A mão dela desliza até a minha e seus dedos apertam suavemente minha pele enquanto ela tenta me fazer olhar para ela.

Mas eu não consigo. Eu olho para o volante, os limpadores de para-brisa e o retrovisor, então finalmente foco no pequeno globo espelhado.

Eu sinto com tudo o que tenho que essa é minha última chance de fazê-la enxergar. Mostrar a ela que meu futuro não era só o futebol.

Era nós dois.

— Eu sei quem eu sou *com* você, Kim — eu digo enquanto enfio a mão no meu paletó. Eu preciso mostrar os berloques a ela, tudo o que temos. Os elos vazios vão lembrá-la do que está por vir. — Antes de se decidir, por favor, só pense em tudo que nós...

O globo espelhado se ilumina, os pequenos espelhos lançando fótons de luz pelo carro.

Então, impacto.

Meu corpo é jogado para a frente. O cinto de segurança agarra meu peito com tanta força que expulsa o ar dos meus pulmões.

Eu registro tudo, lentamente, mas em uníssono.

O carro girando.

O estrondo da buzina de um caminhão.

Faróis iluminando o para-brisa enquanto nós capotamos na direção de um caminhão que se aproxima, uma muralha sólida de metal que voa na nossa direção.

O tempo fica suspenso apenas o suficiente para que eu olhe para Kimberly, seu rosto salpicado com pequenas sardas de luz, seus olhos arregalados de horror. Ela abre a boca para gritar, mas tudo o que ouço é o som do metal se torcendo e estalando.

Depois, escuridão.

2

Dói respirar.

Tudo está muito claro e fora de foco, as vozes e rostos aparecem em explosões de cor e som. Quero fechar os olhos, dormir. Mas estou em algum tipo de movimento constante.

— Trauma grave na cabeça.

— Fratura craniana com depressão.

Os azulejos brancos do teto embaçam. Máquinas apitam. Mãos enluvadas me tocam.

— Kyle? *Kyle*. Olhe pra mim.

Tento focar na voz e vejo que ela vem de uma mulher. Seu cabelo ruivo está preso em um rabo de cavalo feito às pressas e algumas mechas caem em volta de um par de olhos azuis intensos que rapidamente entram no foco.

— Bom. Isso é bom. Eu sou a dra. Benefield. Sou neurocirurgiã — a boca dela diz e eu me centro no movimento dos seus lábios para tentar entender o que ela está dizendo. — Eu vou cuidar de você, o.k.?

Ela tem uma auréola de luz em volta da cabeça, acendendo o vermelho do seu cabelo. Eu a encaro e outra voz chama minha atenção.

— Fêmur fraturado e lacerações interescapulares...

— Esse cara fala demais, não é? — Ela diz, me dando uma piscadela rápida e confiante.

Seus olhos azuis estudam minha testa enquanto ela me pergunta que tipo de música eu gosto. Uma exaustão irresistível

toma conta de mim enquanto eu falo sobre como Childish Gambino é um gênio, as palavras se tornando cada vez mais difíceis de pronunciar.

Eu forço todo o resto a se aquietar, exceto a médica. Algo na calma dela me reconforta nesse caos. A voz que grita, os alarmes, o som das minhas roupas sendo rasgadas do meu corpo, tudo some. Não há nada além do anel de luz em volta do cabelo dela. Do sorriso em seu rosto.

Eu começo a sorrir também, mas então eu noto...

Ah, meu Deus.

Nos óculos dela, eu vejo meu reflexo.

Meu nariz está salpicado de sangue. Um pedaço da minha testa está aberto como um envelope, expondo o osso branco por baixo. Osso branco *rachado*. Meu crânio. Quebrado.

Eu começo a entrar em pânico, os sons todos voltando enquanto uma onda de medo cai sobre mim.

— Isso é...? Isso é o meu...?

— Você está bem — ela diz com um sorriso. Eu não consigo imaginar como um osso saindo para fora do meu rosto possa ser bom, mas a expressão dela continua tão calma quanto antes. *Por que* ela não está pirando com isso? Ela toca meu rosto e eu levo um minuto até perceber que ela está tocando minha testa, meu maxilar, as maçãs do meu rosto.

— Eu não... Eu não sinto nada. Eu deveria estar sentindo alguma coisa?

Acho que vejo o sorriso dela falhar por uma fração de segundo, mas então eu tenho certeza de que só imaginei, porque ela continua sorrindo, suas mãos se movendo constantemente.

Ainda estou tentando não pitar quando as portas duplas da sala de emergência se abrem com tudo atrás da dra. Benefield e outra maca é trazida para dentro.

Eu começo a fechar os olhos, o último vestígio de energia que eu tinha saindo de mim, mas então eu vejo. Uma massa de cabelos loiros cobertos por uma camada de sangue.

Não.

Não, não, não. Tudo volta. A tempestade. Nossa briga. O cinto de segurança travando sobre o meu peito.

— Kimberly — eu tento gritar, mas minha voz sai fraca, minhas pálpebras estão pesadas. Tudo está tão pesado.

— Fique comigo, Kyle — a voz da médica diz. — Sala de operação três. Agora — ela grita para as outras vozes na sala.

Eu luto para manter meus olhos abertos, luto para mantê-los em Kimberly, mas de repente eu estou me movendo, as luzes fluorescentes me cegando enquanto piscam no alto, uma depois da outra, cada vez mais rápido. Pisca pisca pisca piscapiscapisca...

Não! Eu quero gritar. *Voltem!* Mas eu não tenho forças para formar as palavras, e tudo à minha volta continua se movendo.

Eu vejo um médico carregando uma criança.

Pisca.

Uma mulher mais velha recebendo oxigênio.

Pisca.

Uma garota lendo um livro. Ela ergue os olhos assim que viramos o corredor.

Pisca.

E então vejo a dra. Benefield, seu jaleco branco esvoaçando na minha frente, embaçando e se expandindo em um brilho que consome todo o corredor, até que já não existe nada além da luz branca que me cega.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Todo Esse Tempo"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).